



TV, Vida Urbana e Cotidiano: A Etnometodologia Aplicada à Análise das Representações Sociais no Telejornalismo Local.¹

Rostand de Albuquerque MELO²

Derval Gomes GOLZIO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O jornalismo de televisão se faz presente de forma incisiva no cotidiano de seus telespectadores e insere-se em uma cadeia de sentidos construída e compartilhada socialmente, principalmente nos contextos locais. O modo como a vida urbana é representada pelo telejornalismo interfere na percepção que os habitantes formam sobre a cidade, aqui compreendida enquanto espaço simbólico. Esta proposta de pesquisa busca compreender a trama de interações tecida pelos profissionais inseridos no processo de produção dos noticiários locais na cidade de João Pessoa-PB, por meio dos paradigmas do interacionismo simbólico e da etnometodologia. O objetivo é entender como os costumes da vida urbana são representados no telejornalismo local e identificar quais os valores e injunções que atuam neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário Urbano; Telejornalismo; Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

A televisão, pelas próprias características do veículo, é um meio de comunicação de massa que se insere com facilidade no cotidiano dos indivíduos. Com uma linguagem audiovisual marcada fortemente pelos aspectos da oralidade e pelo predomínio da imagem, a TV produz um conteúdo de fácil assimilação. Assim como aponta Rezende (2000), na busca pela “compreensão imediata”, a TV se apropria da linguagem oral da comunidade e dessa forma constrói um vínculo com o seu público. Cria-se assim uma impressão de diálogo e intimidade.

Os telejornais estão presentes no cotidiano da vida privada em uma relação marcada pelo tempo, sendo exibidos geralmente nos horários das refeições e inserindo-se estrategicamente na rotina dos seus expectadores. Enquanto desenvolvem suas atividades corriqueiras, os consumidores de notícias da TV acompanham a rotina da cidade, região ou do país em que vivem por meio do discurso jornalístico, que nesse

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba – PPGC/UFPB, email: rostandmelo@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do PPGC/UFPB e do DECOM/UFPB, email: dervalgolzio@hotmail.com.



sentido se torna uma forma de percepção da realidade exterior, e funciona como “uma forma de conhecimento do cotidiano” (VIZEU, 2005. p. 04).

Apresentam-se neste artigo os apontamentos teóricos de uma pesquisa⁴ que se propõe a analisar a relação entre o telejornalismo local e o cotidiano, buscando compreender os mecanismos de construção de representações sobre a vida urbana cotidiana por meio do discurso jornalístico. Pelo fato da pesquisa estar em andamento, não se pretende aqui apresentar resultados conclusivos, mas discutir a adoção da etnometodologia enquanto suporte de análise dos mecanismos de produção da notícia em sua relação com o cotidiano urbano, enquanto processo de negociação simbólica. Trata-se de uma reflexão sobre o percurso teórico-metodológico escolhido para a análise, ponderando-se as vantagens e limitações da abordagem proposta.

Como recorte de análise, pretende-se investigar as rotinas de produção da notícia e suas relações com as diferentes esferas do cotidiano e como essa realidade da vida urbana é representada no discurso jornalístico. Para tanto, delimitou-se como objeto de estudo o processo de produção do telejornal JPB 1ª Edição, exibido no horário vespertino, por volta do meio-dia, pela TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo em João Pessoa-PB.

O objetivo é observar e descrever, por meio da etnometodologia, como as rotinas de produção da notícia nas redações de TV da Paraíba interferem na construção de representações sobre a realidade social urbana e o cotidiano, assim como verificar como o comportamento dos jornalistas é moldado pelas “rotinas produtivas” (VIZEU, 2005), analisando-se a relação entre o campo jornalístico e o contexto local. Dessa forma, busca-se identificar quais os critérios de seleção da notícia que estão presentes no enquadramento construído pelos telejornais locais sobre o cotidiano urbano dos paraibanos, além dos valores e significados atribuídos aos espaços da cidade e aos costumes de seus habitantes. Com isso pretende-se refletir sobre como o telejornalismo local dialoga com o imaginário da vida urbana.

O foco da análise, fundamentada nos paradigmas do interacionismo simbólico, se concentra no ponto de vista dos jornalistas enquanto atores sociais produtores de significado. Em síntese, a pesquisa se propõe a compreender e descrever como os jornalistas percebem a cidade em que vivem e como a representam nos telejornais locais e até que ponto esta percepção é moldada pelas regras e pela linguagem do jornalismo.

⁴ Pesquisa em andamento com o título “TV e Cotidiano: As Representações da Vida Urbana no Telejornalismo Local”, desenvolvida no PPCG/UFPB.



A Cidade Enquanto Representação

Partindo da idéia de que o cotidiano não é um conceito, mas um estilo que, como tal, opera como “um bom revelador do estilo de uma época” (MAFFESOLI, 1995. P. 65), podemos construir uma reflexão sobre a relação entre a televisão e o cotidiano, principalmente quando se trata de um contexto urbano.

A cidade é um espaço de construção de representações, significados que podem corresponder ou não à realidade sensível e que permeiam as socialidades urbanas. Partindo-se desse pressuposto, compreende-se o fenômeno urbano como um “acúmulo de bens culturais” (ARGAN apud PESAVENTO, 1995). O ambiente urbano (cercado de contradições, polifonias e ambigüidades) torna-se fecundo para a produção e circulação de sentidos em um movimento de resignificação constante, onde os cidadãos são “produtores” e “leitores” da cidade expressa em representação (PESAVENTO, 1995). “Ver a cidade e traduzi-la em discursos ou imagens implica um fenômeno de percepção, mas que envolve um complexo conjunto de “lógicas sociais” (idem, op.cit. p. 09). Assim sendo, a cidade pode significar progresso, desenvolvimento e civilização e ao mesmo tempo, violência, desigualdade e barbárie. Visões contraditórias podem estar presentes de forma simultânea no imaginário de um mesmo indivíduo ou grupo, construído sobre uma mesma realidade espaço-temporal compartilhada.

Imaginemos, pois, a figura de um indivíduo comum, que desempenha atividades corriqueiras em uma cidade onde possui uma rede de interações tecida entre outros tantos homens e mulheres, também comuns, e que compartilham as mesmas práticas rotineiras. Não adotemos aqui as palavras “rotina”, “comum” e “corriqueira” como formas de expressão de um juízo de valor com força negativa, mas como formas de comportamento que contribuem para a compreensão dos modos de pensar e agir de uma determinada sociedade. Assim sendo, aqueles que habitam em um modo de vida urbana, similar a este descrito no exemplo, vivenciam e compartilham um mesmo espaço e uma mesma temporalidade e nesta mesma dimensão espaço-temporal constroem suas redes de relações sociais e suas “visões de mundo” com valores, idéias e sentidos partilhados coletivamente.

Entretanto o ambiente em que vivem, trabalham, divertem-se e interagem também é compartilhado por um número incontável de pessoas com quem nosso “homem comum” esbarra todos os dias. Neste espaço urbano partilhado no cotidiano os indivíduos interagem, de uma forma ou de outra, em uma teia de encontros e relações que se espalha e se entrelaça pela vida, como que organizando e permitindo a existência



em sociedade. Ao chegar em casa, no intervalo do trabalho ou na hora da refeição, muitos desses sujeitos comuns compartilham uma mesma experiência simbólica construída em torno do lugar em que vivem: o telejornalismo.

Ao ligar a televisão, sempre na mesma hora, mesmo que nem sempre no mesmo canal, vemos as ruas por onde passamos e os problemas que vivenciamos sendo representados na tela. Representação midiática, também presente no jornalismo impresso, radiofônico ou em rede. Mas a televisão se apresenta diante de nós como “experiência mediada”, espaço simbólico compartilhado, onde experimentamos sensações e sentimentos que outros também vivenciam, cada um ao seu modo e de acordo com valores particulares.

O ambiente físico que divido com aqueles que encontro em meio a minha rotina, agora é convertido em espaço simbólico construído por meio de uma “cartografia de representações” sobre este lugar comum. Cartografia traçada pelo jornalismo de televisão que relaciona os espaços físicos da cidade com os significados e sentidos que já habitam o imaginário do senso comum sobre estes lugares, resignificando-os e transformando-os em lugares simbólicos. As ações e fatos que acontecem nestes espaços urbanos no dia-dia são mostrados de tal forma pelo telejornalismo que atribui usos e valores ao espaço urbano, construindo assim uma forma de narrativa que se insere incisivamente na percepção que os telespectadores constroem sobre a cidade em que vivem. Há os lugares do consumo, da diversão, das expressões culturais. Mas existem também os espaços marcados pela miséria, pela violência e por desigualdades sociais. Nas edições diárias dos telejornais locais, o banal e a ruptura dessa banalidade são aspectos contraditórios que ganham ênfase na representação midiática. Os conflitos e contradições que marcam a vida em sociedade no espaço urbano aparecem no discurso jornalístico como base de sua forma de perceber e representar a realidade, enfatizando ao mesmo tempo o cotidiano e sua ruptura, o excepcional e o ordinário.

Ao buscar compreender os significados e sentidos em jogo nas representações da vida urbana presentes no telejornalismo local, a preocupação é dupla: compreender como o homem comum percebe a cidade em que vive por meio da narrativa telejornalística e descrever como a mídia atua enquanto mediadora de representações. A idéia é que, o jornalismo de televisão, assim como qualquer outro tipo de produção midiática, não “constrói”, por si só, representações do social, mas que trabalha, opera, “manuseia” formas de percepção do mundo e representações já presentes nas interações



sociais, para a partir daí, resignificar essas representações e redimensioná-las ao compartilhá-las com um contingente enorme de indivíduos.

O jornalismo de TV possui essa característica de forma mais acentuada, pois se apropria dos modos de expressão do que podemos chamar de senso comum como base da linguagem do próprio veículo, na tentativa de se inserir no cotidiano de seus telespectadores, criando a sensação de diálogo em tom coloquial. A vida privada doméstica, espaço essencialmente marcado pelo viver cotidiano, é também o ambiente por meio do qual a televisão se insere e se estabelece na rotina de quem a assiste. A Televisão invade o lar e marca sua presença na forma de viver do homem contemporâneo, no estilo de uma época onde a imagem midiática está presente no dia-dia, mesmo que para alguns não pareça desempenhar um papel tão preponderante.

Telejornalismo Local e Mediação

No contexto da produção local, o telejornalismo atua de forma mais incisiva na rotina da cidade, de onde recolhe as informações utilizadas para a construção de uma pauta diária, ou seja, uma forma peculiar de representação jornalística, e processando estes dados extraídos da vida corriqueira das ruas para transformá-los em notícias. Hábitos e práticas são reproduzidos no telejornalismo diário, principalmente no que se refere à produção local ou regional onde se dá o compartilhamento de um universo simbólico comum.

É a mídia local que constrói uma representação propagada socialmente sobre a realidade próxima das pessoas, realidade cercada de ações que se repetem em uma rotina previsível, mas que também surpreende enquanto lugar de produção de sentidos. Ao tratar do espaço público, Tétu (1997, p. 431) assinala que este “não é um espaço real, mas um espaço simbólico, feito de saberes e de representações”. Dessa forma, o local não é percebido apenas como definição geográfica ou territorial, mas também como complexo espaço simbólico, composto por relações de proximidade (lugar), pertencimento (grupo) e participação (efetividade do pertencimento). Para o Tétu (op. cit, p.439), “as formas de vida urbana e o tamanho das aglomerações modificaram a percepção da identidade local dos habitantes e empurraram a imprensa a procurar novas formas de compreensão da informação local”.

O lar também não é mais um espaço demarcado territorialmente, mas “atualmente, está no centro de um conjunto muito vasto de redes de comunicação” (TÉTU, 1997, p. 434), com predominância do audiovisual. O telejornalismo, assim



como a grade de programação das emissoras, busca adequar a exibição de seus produtos com o tempo das atividades do homem comum ou de um padrão médio de comportamento presumido, inserindo-se na “unidade básica do local, o lar” (idem, op. cit). O jornalismo, neste contexto, pode atuar enquanto mediador entre os indivíduos e uma determinada realidade social, da qual eles pertencem ou que lhes é alheia. Pode-se refletir sobre essa potencialidade de mediação do jornalismo por meio a definição de notícia proposta por Vizeu (2007, p. 223):

Entendemos a notícia como uma representação social da realidade cotidiana, um bem público, produzido institucionalmente, que submetida às práticas jornalísticas possibilita o acesso das pessoas ao mundo dos fatos (dia a dia) ao qual não podem aceder de maneira imediata.

Esta capacidade de mediação do jornalismo ganha outra dimensão quando se trata do veículo televisão. Na construção de um conceito sobre o processo de mediação realizado pela TV, Mota (2007,p.09) propõe que:

“no sentido simbólico, a mediação é o ato de superar a distância permitindo a comunicação entre anônimos distantes. Neste sentido, a mediação pela televisão tem a ver com a superação do distanciamento espaço-tempo.”

A TV “aproxima” realidades que talvez nunca se encontrassem em outro contexto, mesmo quando se trata do noticiário sobre a cidade ou o bairro onde moram seus expectadores. Por meio da linguagem audiovisual e das transmissões “Ao Vivo” e em “tempo real”, a TV proporciona uma sensação de contato testemunhal entre os telespectadores e o fato narrado. Cria-se uma sensação de “experiência vivida” sobre o fato assistido na tela, como se tal fato também estivesse sendo “compartilhado” à distância pelo público em suas salas de estar. Diante dessa sensação provocada pela TV, é importante destacar a ressalva de Duarte (2004, p. 110) sobre os limites desse efeito de realidade proporcionado pela linguagem televisual:

Mesmo que a maior potencialidade da televisão seja a realização de transmissão direta, em tempo real e simultâneo ao dos acontecimentos do mundo exterior, está sempre presente, em qualquer um dos produtos televisivos, seu caráter de mediatização. Afinal, os textos-programa não são o real.

Costumes e idéias de uma sociedade circulam no discurso jornalístico e nele são representados. O telejornal pode então ser compreendido como uma forma de apreensão da realidade enquanto “mediador” (MOTA, 2007) entre sujeitos e seus modos de vida.



Ao investigar o papel de mediação atribuído ao telejornalismo, pretende-se revelar como esta linguagem atua enquanto ponto de referencialidade, interferindo na percepção que os cidadãos possuem sobre o cotidiano. Desse modo, a análise é motivada por um questionamento sobre as particularidades do jornalismo de TV enquanto elaboração simbólica, percebendo o telejornalismo enquanto parte de uma cultura do cotidiano urbano.

Os Paradigmas do Cotidiano em uma Reflexão sobre o Telejornalismo:

Ao tratarmos de televisão, obviamente não falamos sobre interações face a face, mas sim de uma forma de relação que poderíamos compreender como um “encontro mediado”. Ao se metaforizar a relação do homem comum com a TV por meio desta definição não se busca defender que se trata de uma relação de proximidade e diálogo. Existem distâncias e limitações que não podem ser desconsideradas. Entretanto, existe um tipo de interação que ocorre neste processo em uma circunstância peculiar, onde sujeitos produzem significados sobre si e o mundo em sua volta para outros sujeitos que ressignificam essas representações em suas vidas cotidianas. Há uma troca de sentidos que permite que os sujeitos se signifiquem perante valores e idéias que são considerados na construção de uma interpretação sobre o lugar em que vivem.

Os noticiários televisivos ao apresentarem as notícias diariamente de uma forma sistematizada e hierarquizada constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano ou de percepções simbólicas em torno dele. Ao assistirem um telejornal, os expectadores também procuram sentidos para a realidade que os cerca. Eles aprendem ativamente e atribuem significados, ressignificam o mundo do telejornalismo na experiência do dia-a-dia. (VIZEU, 2005).

Assim sendo, ao relacionar esta proposta de pesquisa sobre a vida urbana representada no telejornalismo com os paradigmas de uma sociologia do cotidiano, se pretende compreender como os sujeitos percebem o “mundo social que os cerca” por meio de uma narrativa midiática presente de forma marcante na rotina desses atores sociais. Esta proposta de pesquisa pode ser relacionada com os paradigmas do interacionismo simbólico ao colocar em evidência “o ponto de vista dos atores, ou seja, o modo como eles formam seu mundo no social” (TEDESCO, 2003). O foco desta análise está voltado para a rede de relações que se estabelece no processo de produção e edição nos noticiários televisivos, considerando assim os jornalistas envolvidos na elaboração dos telejornais como atores sociais inseridos em uma instituição midiática



que está presente no imaginário de indivíduos pertencentes a diversas camadas da população. Ao adotar a etnometodologia e os pressupostos do interacionismo simbólico na compreensão do comportamento dos jornalistas enquanto atores sociais busca-se refletir sobre a trama de negociações e sentidos que permeia a construção de representações em torno da vida urbana no telejornalismo local. Pretende-se identificar e entender como operam os significados e valores que estão em jogo neste processo complexo e expressivo.

A seleção, apuração e posterior tratamento das notícias se configuram como etapas regulares de um processo intrinsecamente formatado por uma perspectiva peculiar que os jornalistas adotam para observar e perceber o mundo sensível que os cerca, transformando-o em informação e produto midiático. Várias injunções atuam neste processo de resignificação do cotidiano, como os valores intrínsecos ao campo jornalístico, interesses profissionais, fatores ideológicos, além de injunções econômicas, sociais, culturais e de mercado (concorrência). As relações interpessoais estabelecidas na rotina da redação e a hierarquização entre os profissionais são aspectos que também atuam nesse processo, assim como as relações que se estabelecem entre os jornalistas e suas mais diversas fontes. Constrói-se, desse modo, um enquadramento jornalístico sobre a realidade social.

Adota-se assim a perspectiva de que a notícia é o produto de uma intrincada cadeia de interações onde atuam várias forças no interior do campo jornalístico. Este será um dos pressupostos da análise, considerando-se as limitações impostas pelo próprio objeto de estudo. Assim sendo, torna-se necessário ponderar que não há como determinar com exatidão (e nem este é o objetivo desta discussão) como os telespectadores percebem e resignificam as representações sociais difundidas pela televisão. Por outro lado, optou-se por buscar respostas no processo de produção do material e do discurso telejornalístico, na tentativa de descrever e compreender a trama de negociações presentes no processo de construção da notícia. Os jornalistas de TV, aqui observados enquanto sujeitos de uma relação de produção e troca de sentidos, devem ser observados em suas rotinas produtivas como forma de estabelecer relações entre o discurso do telejornal e as percepções sobre a vida urbana cotidiana propagadas nesse estilo de narrativa midiática.

A escolha metodológica é um dos fatores que aproximam o estudo proposto da perspectiva adotada pelos interacionistas. Trata-se de uma forma de observação fundamentada em uma abordagem antropológica e nos estudos já desenvolvidos no



campo do jornalismo por meio da teoria do *newsmaking*, optando-se pela adoção da *etnometodologia*. Dessa forma, o foco da análise será a rede de relações e negociações presentes no processo de produção da notícia, onde participam tanto jornalistas, telespectadores, fontes e outros sujeitos envolvidos no processo. As interações construídas nas redações e por meio das quais flui um conjunto de representações sobre a vida cotidiana urbana constituem o fio condutor da análise. Esta abordagem metodológica caracteriza-se pelo estudo de campo e a observação direta e participante nos espaços de análise, neste caso a redação da emissora de João Pessoa a ser analisada na pesquisa, a TV Cabo Branco (Afilhada Rede Globo). O objetivo é compreender como estes profissionais, e demais sujeitos envolvidos no processo, lidam com as diversas negociações intrínsecas ao processo de produção de material jornalístico e como constroem um modelo representativo do cotidiano da vida urbana por meio do discurso dos telejornais locais que produzem.

A “Ritualização” da Produção de Notícias na TV

Ao considerar a produção de notícias de televisão como o produto de uma série de rotinas produtivas, assim como nos aponta os estudos fundamentados na teoria do *newsmaking*⁵, pode-se considerar também alguns dos paradigmas do cotidiano presentes no interacionismo. A idéia de que existe “uma estrutura de interação previamente socializada que ordena princípios de ação” (TEDESCO, 2003. p. 67), presente no interacionismo simbólico, também pode ser aplicada ao estudo das rotinas de produção da notícia. Existem normas que regulam o comportamento dos indivíduos que estão inseridos neste processo. Não apenas normas “técnicas”, mas também crenças e comportamentos regulados e exercidos no campo da subjetividade. As normas técnicas da profissão estão expressas de forma clara em manuais de estilo e redação, mas as “regras do jogo” que atuam no campo da subjetividade não aparecem de forma sistematizada. Tais regras regulam o comportamento dos indivíduos atuando como um código implícito conhecido e construído coletivamente por quem pertence ao circuito de interações inerentes ao jornalismo. Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma ritualização da produção da notícia.

As práticas cotidianas do fazer jornalístico, apontadas pela teoria do *newsmaking*, definem critérios que serão utilizados cotidianamente pelos profissionais

⁵ Ver Pena (2006).



da área como filtros que determinam quais os fatos podem, ou não, se tornar noticiáveis. Pode-se afirmar que esse conjunto de práticas busca objetivar um processo que na verdade é intrinsecamente subjetivo, pois trata de uma interpretação e representação da realidade. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia são conceitos fundamentais para a compreensão do cotidiano dos jornalistas, pois segundo Vizeu (2005), tais fatores exercem um papel fundamental naquilo que o autor chama de “rotinização do trabalho” jornalístico. Nessa perspectiva, os procedimentos adotados na produção diária de material jornalístico são “naturalizados” e incorporados na forma de agir e pensar dos jornalistas e em suas decisões editoriais. Tornam-se, por meio da repetição, ações ritualísticas. A definição dos valores-notícia se dá em um processo de constante negociação, ou seja, a adoção de cada critério de noticiabilidade é relativa a um contexto específico, a um fato socioculturalmente determinado, além de uma série de aspectos subjetivos que influenciam este processo, apesar da tentativa constante de objetivá-lo por meio da “rotinização”.

Esse processo provoca a impressão de que telejornais de emissoras concorrentes e linhas editoriais distintas estão tratando dos mesmos assuntos e utilizando as mesmas abordagens. Dito de outra forma, percebem e representam a realidade pelo mesmo ponto de vista. É o produto de um olhar “domado” pelas técnicas e regras da notícia. Isso se deve a naturalização de procedimentos que são considerados como o padrão estabelecido e que, como tal, devem ser seguidos, regulando assim o processo de produção de sentido no jornalismo contemporâneo. Tais critérios parecem “incontestáveis”, conferindo aos profissionais a certeza de que o “faro jornalístico” a eles atribuído aponta para o caminho correto, que por diversas vezes aparenta ser o único possível:

Os jornalistas estão convencidos que detêm um conhecimento preciso do que interessa ao público, assim como as melhores formas que devem ser adotadas para contar uma estória. Na contrapartida, quanto mais julgam que sabem, mais parecem que, na busca de adequação às demandas das rotinas produtivas, da cultura profissional e da linguagem do veículo, produzem o mesmo, condicionam suas visões de mundo. (PICCININ, 2006, p.143).

Para a autora, os telejornais tornam-se vozes de versões estereotipadas dos acontecimentos. A avaliação editorial é feita a partir de um julgamento de importância baseada no gosto de uma “audiência presumida” (VIZEU, 2005), uma idealização de um público que possui um comportamento imprevisível, mas que os jornalistas seguem na tentativa de encontrar um modelo que agrade e seduza a este público heterogêneo.



Assim sendo, essa idealização do público e do seu gosto será seguida pelos jornalistas como regra estabelecida e roteiro de trabalho. Como aponta Piccinin (2006. p. 144), os diversos telejornais utilizam critérios parecidos para presumir o que a audiência quer, resultando em produtos semelhantes, isso, pois “os jornalistas padronizam seus comportamentos editoriais”. Já sobre a adoção massificada de uma fórmula padrão, afirma que “não são formatos originais utilizados nas diferentes histórias, mas histórias originais tratadas conforme padrões, através dos quais se perdem as nuances e os vieses mais particulares e enriquecedores dos acontecimentos.” (idem. op. cit, p. 145).

Essa forma padrão de agir interfere visivelmente no conteúdo daquilo que vai ao ar. “Um dos efeitos da busca do telejornalismo por soluções e modelos narrativos foi o surgimento de uma estrutura estandardizada e homogeneizadora da notícia na televisão.” (SALOMÃO apud PICCININ, 2006, p. 144). É o que pode-se chamar de “Pasteurização do real”. Por não dar conta da complexidade da realidade, o jornalismo de TV simplifica e reduz os acontecimentos a uma narrativa elementar, seguindo uma receita própria do veículo TV. Essa homogeneização se reflete no cotidiano, agora representado como algo coeso e unísono, relativizando-se sua intrínseca diversidade e heterogeneidade.

Aplicação do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia

Noções importantes nos estudos interacionistas como “ritualização”, “representações”, “estratégias e circunstâncias de interação” podem ser aplicados a análise da produção jornalística quando consideradas enquanto relações entre sujeitos, entre atores sociais. A noção conceitual de “imponderáveis do cotidiano” (TEDESCO, 2003. p. 67) se faz relevante para a análise, ao observar e descrever como os profissionais da notícia procuram ordenar a realidade confusa da vida cotidiana por meio de regras de comportamento, na tentativa de prever ou até mesmo evitar a impertinência do “outro” nas interações. Mas é por meio da perspectiva metodológica que a proposta de pesquisa se aproxima com mais ênfase do interacionismo. Ao optar pela etnometodologia, adota-se o que poderíamos chamar, de acordo com Pais (2003), de um “paradigma interpretativo” onde se pretende apreender a realidade social “atrás dos olhos do ator” (op. cit). Entretanto, ao enfatizar a interação como ponto determinante da ação social, o interacionismo coloca em segundo plano as grandes estruturas que constituem o foco das atenções da sociologia clássica, assim como das organizações sociais. Para os interacionistas:



As estruturas e organizações sociais influenciariam apenas a ação social na medida em que configurariam situações de interação entre indivíduos e na medida em que proporcionariam conjuntos de símbolos que aqueles utilizariam para interpretar mundos de intersubjetividade. (PAIS, 2003. p. 93)

Dito de outra forma, ao privilegiar a subjetividade dos atores sociais, o interacionismo secundariza as variáveis sociais mais estruturais ou estruturalizantes. Se considerarmos a mídia apenas como uma instituição social, os atores que a compõem poderiam exercer um papel secundário na análise. Mas, ao percebê-la como espaço simbólico de produção de sentidos e representações, adota-se uma perspectiva subjetiva sem a qual não seria possível compreender a interação dos sujeitos inseridos no processo. Negar as variáveis subjetivas da linguagem midiática impossibilitaria a compreensão dos mecanismos constantes de significação que operam as representações sociais no interior do discurso jornalístico.

Por outro lado, ao adotar a idéia de representação, a análise também pode ser relacionada ao formismo sociológico proposto por Maffesoli que considera o cotidiano como um “estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência e os aspectos imateriais da existência” (1995). De fato, ao não considerar o cotidiano como um objeto, mas como uma forma ou estilo, possibilita-se a observação do jogo das formas sociais. Assim como nos aponta Pais (2003, p. 90) “para os formistas, a investigação não deve estar determinada por aquilo que um objeto social é, mas pela forma como se dá a conhecer”. Essa abordagem considera que a vida cotidiana aparece como uma “realidade carregada de simbolismo” (op. cit). Essa noção pode de fato dialogar com o sentido de vida cotidiana presente na análise proposta sobre as representações da vida urbana no telejornalismo. Entretanto, por questões de método, impõe-se uma delimitação que aproxima a pesquisa dos caminhos de observação propostos pela etnometodologia e pelo interacionismo simbólico, sem esquecer outros paradigmas que contribuem para a compreensão desse emaranhado de complexos e efêmeros fenômenos que constituem o cotidiano.

Violência e Tensão Social: um Exemplo de Enquadramento Jornalístico.

Para contextualizar a discussão teórica sobre as representações do espaço urbano no telejornalismo local da cidade de João Pessoa-PB e facilitar o entendimento em torno das questões que norteiam esta pesquisa, faz-se necessário a adoção de um exemplo de reportagem jornalística para demonstrar quais os aspectos que devem ser considerados na análise.



Ao observar a forma pela qual é representado o cotidiano dos moradores de 2 bairros pessoenses na matéria exibida pelo JPB 1ª Edição de 29 de maio de 2008, pode-se perceber a existência de um mecanismo estruturado de construção de um enquadramento em torno dos fatos narrados que interfere na percepção sobre os espaços da cidade e os lugares de atuação dos atores sociais. A seguir, alguns trechos da matéria:

(APRESENTADOR) Saúde, segurança, educação./ Os problemas no bairro São José são muitos./ Para tentar encontrar uma solução, O Ministério Público Estadual e outras instituições, fizeram agora de manhã uma reunião./ O prefeito Ricardo Coutinho foi convidado e participou dos debates.//

(OFF/REPÓRTER)⁶ Dona Léia mora do bairro São José a mais de vinte anos./ Aqui criou os dois filhos e tira o sustento da família./ Para ela o bairro é tranquilo.//

(SONORA/MORADORA 1)⁷ *Todo mundo pode ficar tranquilo e vir aqui no bairro de São José (...)*

(REPÓRTER) Existe muito preconceito aqui no bairro né?

(SONORA/MORADORA 1) *Muito preconceito (...) que as pessoas ficam impedidas de arrumar um trabalho, ficam com vergonha de dizer onde mora, eu mesmo fico porque as pessoas ficam lhe olhando de olho atravessado pra pessoa dizendo assim isso é um marginal, mas aqui tem muita gente decente, muito pai de família. (...)*

(OFF/REPÓRTER) E só dar um passeio pelas ruas para provar que quase ninguém se sente tão seguro quanto Dona Léia./ As grades estão por todos os lados.//

(SONORA/MORADORA 2) *Tem que botar uma grade por causa da segurança, por causa das crianças./ A gente tem que viver sempre trancado com medo dos bandidos.//*

(OFF/REPÓRTER) Quem mora em Manaíra, bairro vizinho ao São José, também anda com medo da violência.//

(SONORA/ MORADOR 3) *De manhã, de tarde, de noite. Agora ninguém “dá parte” porque ninguém resolve. (...)*

⁶ OFF: “Leitura do texto sem a imagem do repórter ou locutor no vídeo” (CURADO, 2002. p. 187)

⁷ Sonora: “Termo que se usa para designar uma fala de entrevista” (PATERNOSTRO, 1999. p. 151).



É interessante observar que a matéria se fundamenta basicamente por impressões baseadas no senso comum expressas nas falas dos entrevistados. Entretanto, o enfoque da matéria aparece nitidamente determinado pelo pressuposto do problema da violência, tema central da reportagem. Apesar de a primeira entrevistada considerar o bairro de São José um lugar “tranquilo”, esta impressão é desconstruída na seqüência pelo texto da repórter que enfatiza o uso de grades pelos moradores com imagens das casas e com a fala de outra moradora. O estereótipo de marginalidade que existe em torno do bairro surge na matéria e pode ser percebido quando se trata do tema preconceito. Estereótipo que funciona como fio condutor da matéria e que é reforçado pelo discurso jornalístico.

A reportagem citada traça uma divisão simbólica entre bairros próximos geograficamente, mas que possuem realidades sociais distintas. Enquanto o bairro de São José possui uma infra-estrutura precária marcada por uma ocupação irregular, o vizinho bairro de Manaíra possui uma estrutura privilegiada e é considerado como um lugar habitado por pessoas de alto poder aquisitivo. Usos, atribuições e significados são atribuídos aos espaços da cidade. Esses espaços urbanos são redefinidos simbolicamente pelo telejornalismo que constrói e propaga uma forma peculiar de percepção do cotidiano, formatada pelo enquadramento jornalístico. Mas para compreender melhor o mecanismo de produção de sentido sobre o cotidiano urbano no jornalismo de TV, se faz necessário não apenas analisar o material que é exibido pelos telejornais, mas observar e descrever o processo de produção e as interações que o constituem.

O Telejornalismo enquanto Linguagem Urbana: Uma Hipótese de Análise

A relevância desse estudo reside na possibilidade de compreender e explicar os mecanismos de funcionamento de uma cadeia de negociações inerentes ao processo de produção da notícia, levando-se em consideração os aspectos sócio-culturais do contexto paraibano. Outro aspecto importante é a proposta de uma abordagem etnográfica sobre o comportamento dos jornalistas na mídia local, contribuindo para a elucidação de questões referentes aos valores e práticas presentes no campo jornalístico e sua relação com outros campos sociais. Assim sendo, busca-se levantar a hipótese de que o Telejornalismo é uma linguagem eminentemente urbana, moldada a partir do modo de vida urbano e suas várias injunções, como a velocidade, a superficialidade, a massificação e a homogeneização. Trata-se da percepção de que é sob o ponto de vista da urbanidade que o jornalismo de TV se insere na realidade social e a representa.



REFERÊNCIAS:

- CURADO, O. **A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DUARTE, E. B. **Televisão: Ensaio Metodológicos**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.
- MAFFEZOLI, M. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MOTA, C. L. Discursos da periferia nas notícias locais da TV. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 5, Aracaju-SE, 2007. **Anais...** Aracaju-SE: SBPJOR, 2007.
- PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PATERNOSTRO, V. I. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.
- PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEREIRA, W. (org). **Epistemologias do Caderno B**. João Pessoa, PB: Manufatura, 2006.
- PESAVENTO, S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf>> Acessado em 15/01/2008.
- PICCININ, F. O telejornal de "intermezzo": questões sobre a TV e o jornalismo em transição. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 5, Aracaju-SE, 2007. **Anais...** Aracaju-SE: SBPJOR, 2007.
- REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.
- TEDESCO, J. C. **Paradigmas do Cotidiano: Introdução à Constituição de um Campo de Análise Social**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNESC; Passo Fundo:UPF, 2003.
- TÊTU, J. A Informação Local: Espaço Público e suas Mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. (orgs.) **O Jornal da Forma ao Sentido**. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.
- VIZEU, A. **O Lado Oculto do Telejornalismo**. Florianópolis, SC: Calandra, 2005.
- _____. **Telejornalismo: o Conhecimento do Cotidiano**. COMPÓS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm>>. Acessado em 12/01/2008.